

MÚSICA
15 MARÇO 2018

Oy Division

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Qui 15 de março
21h30 · Grande Auditório
Duração: 1h30 · M6

Clarinete, percussão e voz Eyal Talmudi
Acordeão e badchan Assaf Talmudi
Violino e voz Gershon Leizerson
Contrabaixo Avichai Tuchman
Apoio Embaixada de Israel em Portugal

Algumas notas sobre a música klezmer

As origens da música *klezmer* são muito nebulosas. As investigações iniciaram-se há poucas dezenas de anos e estão muito longe de estarem consolidadas. As considerações que se seguem, baseadas em buscas usando a internet, procuram contar a história que mais se aproxima do que é comum às várias fontes consultadas.

A Bíblia tem diversas descrições de orquestras e de Levitas (descendentes de Levi, um dos doze filhos de Jacob e Lia, patriarca da tribo levítica, que ainda hoje têm especiais obrigações e privilégios relacionados com o ensino e prática da religião) tocando em rituais religiosos que remontam há mais de 3000 anos. Essa prática manteve-se por séculos.

Depois da destruição do Templo pelos romanos, no ano 70 da era cristã, a chamada segunda destruição do Templo de Jerusalém, muitos rabis passaram a desaconselhar o uso da música nas sinagogas. A música é mais forte que todas as proibições e continuou a ser criada e executada em ocasiões festivas, seja seculares, como os casamentos, ou para-litúrgicas, como a chegada de um novo rabi ou a cerimónia da circuncisão. A música *klezmer* é uma das formas musicais criadas pelo povo judeu, ou uma parte dele, a partir da Idade Média.

Klezmer, tem origem etimológica em duas palavras hebraicas, *klei*, significando ferramenta, utensílio, instrumento, e *zemer*, canção. De início, *klezmer* designava o instrumento musical. Mais tarde, por extensão, a própria música tocada e cantada pelos *klezmerim*, músicos populares, que animavam as festas referidas. Nos anos 70 do século passado fixou-se a designação de música *klezmer*, para a que era praticada pelos judeus asquenazes que se foram instalando, a partir do século XI, na Europa Central e Oriental.

Asquenaz, segundo o livro do Génesis (Cap. 10, vers. 3) era bisneto de Noé. Pela tradição, os descendentes de Asquenaz seriam os citas que, segundo Jeremias (Cap. 51, vers.27), viviam próximo do Monte Ararate. A origem dos Asquenazes (ou *Asquenazim*) é também em grande parte desconhecida. Rashi, rabi autor de um célebre comentário da Tora, em meados do século XI, referiu-se a uma corrente interpretativa dos Livros formada por judeus que estarão na origem dos Asquenazes.

A palavra acabou por estabilizar para designar os judeus que migraram ao longo dos séculos XI a XVI, primeiro para as terras que bordejavam o Reno, e que, mais tarde, se foram fixando na Europa Central (nos territórios dos países que hoje chamamos de Polónia, Alemanha, Áustria, Hungria, Grécia, Rússia, Ucrânia, Lituânia), fugidos de perseguições várias no Sul da Europa e na Inglaterra, França, em certas partes da Alemanha, ou chamados pelas autoridades locais dada a sua fama de impulsionadores do comércio, do sistema económico e financeiro.

Recorde-se que o empréstimo com juros (usura) foi proibido pela religião católica (porque resultavam do decurso do tempo e o tempo era considerado propriedade de Deus, não dos homens) até perto do Renascimento, altura em que o incremento do comércio foi tal que os agentes económicos não podiam dele prescindir. Os judeus não tinham essa proibição e emprestavam dinheiro.

As perseguições e os movimentos migratórios são fenómenos antiquíssimos. O poder do negócio – ou do desenvolvimento económico, se se optar por esta expressão –, que chega a fazer abandonar as regras religiosas, também, como se vê, tem exemplos ocorridos há muitos séculos atrás. Os judeus foram muitas vezes chamados por razões económicas e mais tarde expulsos por razões semelhantes, pelo poder que adquiriam nas comunidades que tinham precisado deles.

Voltando aos Asquenazes. Esse povo judaico que no século XVI era ultraminoritários de entre o conjunto dos judeus da Diáspora – representavam cerca de 3% desse conjunto – desenvolveu uma língua própria, o iídiche, escrita em alfabeto hebraico, formada a partir do “alemão” falado na Idade Média nas regiões onde ficaram, e de palavras hebraicas. Com língua própria, uma estabilidade na terra, vivendo em comunidades fechadas (os *guetos*), com uma prática religiosa e uma teologia e liturgia singulares, criaram uma música popular característica, a princípio só instrumental, depois juntando-lhe a voz. É o desenvolvimento dessa música que será designada de *klezmer*.

Os temas, os modos, os ritmos, as danças que hoje se tocam como música *klezmer*, remontam ao século XIX, mas têm raízes muito mais fundas na história que vêm desde a Idade Média. Como costuma acontecer nos contactos entre comunidades humanas, há trocas entre elas, mútuas influências, o que não significa homogeneização. Em cada tempo há características que permanecem identitárias dos vários grupos, embora também essas se vão alterando, mais ou menos rapidamente, ao longo dos séculos. A música *klezmer* foi assimilando influências várias das músicas dos povos com quem os Asquenazes tiveram contacto, dos polacos aos russos, dos romenos aos húngaros, dos gregos aos turcos. Particularmente importante neste caminho de séculos foi a música dos *romani*, dos ciganos. Hoje em dia também se reconhece a presença do jazz.

Os Asquenazes, por razões várias, foram tornando-se maioritários no povo judeu da Diáspora. No início do século XX correspondiam a 92% dessa população e estavam fixados sobretudo na Polónia, mas não só. Albert Einstein, Sigmund Freud, Marc Chagal, Felix Mendelssohn, Sarah Bernhart, Stanley Kubrick, Golda Meir, eram Asquenazes.

Veio o Holocausto. Milhões foram barbaramente mortos. As sinagogas destruídas. Os guetos também. A música *klezmer* desapareceu por décadas.

No início dos anos 70 do século passado, jovens músicos judeus nos Estados Unidos, a partir do que lhes contavam seus avós, das raras gravações que existiam do início do século,

dos poucos músicos mais velhos que tocavam essa música e que ainda sobreviviam, retomaram a tradição da música popular judia, em particular da música *klezmer*. Hoje em dia há escolas superiores onde se ensina e investiga esta música. E faz-se muito trabalho de campo etnomusicológico.

Os instrumentos principais das bandas de música *klezmer* são o violino, que suporta a melodia e as ornamentações, a flauta, instrumento barato usado desde o século XVII, o clarinete, introduzido por influência das bandas militares, o zimbálo, instrumento portátil de cordas percutidas difícil de afinar, fácil de desafinar, o acordeão, o piano, este usado pela classe média, em casa, ou, atualmente, em espetáculos de palco, o violoncelo ou contrabaixo e a percussão, reduzida frequentemente a um instrumento. Com exceção do piano, utilizado com pouca frequência, são todos instrumentos de fácil transporte e, ao tempo, baratos, porque os músicos andavam de cerimónia em cerimónia, de comunidade em comunidade, tocavam em salas das casas e outros pequenos espaços muito diversos. Aquilo que hoje ouvimos numa sala de teatro, sentados numa cadeira, como um espetáculo, era antes escutado e dançado de pé, com os músicos deslocando-se de um lado para o outro, no meio das pessoas.

Os tipos de canções que agora se executam estão codificados, como acontece, por exemplo, no fado tradicional ou no flamenco. Na sua maioria são temas alegres e para dançar, porque era essa a finalidade para que foram criadas e tocadas. As que derivam da prática

religiosa são, geralmente, meditativas. Antes da gravação em disco, as canções não tinham limite de duração, adaptavam-se às circunstâncias. Duravam o que fosse preciso e as forças de executantes e de quem os ouvia e com eles dançava aguentassem. Hoje em dia a sua duração reflete a imposição do tempo discográfico, os cerca de 3 minutos que era o tempo de duração dos primeiros discos de 78 rotações. Em geral os temas têm ritmos variados, do mais rápido, quase frenético, ao mais lento, porque era preciso descansar para se voltar ao frenesim da dança. Por vezes exclusivamente instrumentais, outras cantados, frequentemente com intervenções vocais como comentário ou estímulo ao trabalho dos músicos. São canções anónimas, de que não se conhece o autor, e enraizadas na cultura popular. Mas já se compõe temas novos, como o fazem os Oy Division.

Oy Division

Os Oy Division nasceram em 2005. Gershon Leizeron e Assaf Talmudi encontraram-se num festival internacional de música *klezmer* no Canadá. Ficaram fascinados e resolveram logo formar o seu próprio grupo, israelita. Os concertos foram-se sucedendo e em 2008 sai o primeiro dos três álbuns que gravaram até agora. Foram construindo a sua carreira de concerto em concerto, de festival em festival, com digressões pela Europa e América do Norte.

Disse Leizeron numa entrevista: “O registo *klezmer* que interpretamos está concentrado na rica tradição musical dos judeus da Europa do Leste dos séculos XVIII e XIX. Mas o que é interessante é a forma como soa aos ouvidos do nosso público e o conduz, a maior parte das vezes, a dançar, cantar e mesmo a chorar. (...) Evidentemente, a realidade israelita atual afeta a interpretação das nossas canções que abordam temas como o amor, a guerra, o desânimo, a esperança”.

Apropriando-se da tradição, vivificam-na, celebrando o casamento improvável entre a etnomusicologia e a exuberância cénica. Têm uma energia incrível, uma técnica perfeita, um excelente humor. Os seus arranjos, cheios de achados e subtilidades, são magníficos. Para total desfrute aconselha-se uma escuta muito atenta, descobrindo o papel de cada instrumento em cada canção. Claro que isso não é fácil, porque a música que fazem é de tal forma contagiante que nos esquecemos do modo como é construída para nos abandonarmos à sua alegria, ao seu ritmo, ao violino e ao clarinete.

Eyal Talmudi

Nasceu em Israel em 1979. Toca saxofone e clarinete desde os oito anos de idade. Os estudos em música clássica e jazz, bem como a incursão na cena alternativa e experimental e no rock, fez de Eyal um músico multifacetado, com uma carreira que se tem firmado por toda a parte em bandas e *ensembles* tão diversos como, entre outros, Balkan

Beat Box e as suas *raves*, Oy Division e a música tradicional *klezmer*, ou o *funky* da Orquestra Kutiman, onde é solista. Gravou com os principais artistas israelitas. Lançou o primeiro álbum do seu quinteto, intitulado *Even If*, pela Chant Records.

Assaf Talmudi

Nasceu em Israel em 1976. É compositor, produtor de discos, investigador e acordeonista. Um dos mais importantes produtores de discos israelitas, trabalhou com os artistas e as editoras de topo do seu país, com sucesso comercial e crítico. Tem um bacharelato conferido pelo Conservatório Real da Haia em composição e música computacional. Tem apresentado o resultado das suas investigações e as suas composições um pouco por todo o mundo durante os últimos anos. É docente no Departamento de Música da Universidade de Haifa e na Faculdade de Arte de Musarara, em Jerusalém, lecionando música computacional experimental e produção musical. Como instrumentista, Assaf tem feito digressões por todo o mundo com os Oy Division.

Gershon Leizeron

Violinista, cantor, compositor, professor de música *klezmer*, nasceu em Israel em 1980. Formado pela Academia de Música de Tel Aviv, tocou e cantou na banda de música *folk* do exército israelita. Em 2005 fundou os Oy Division e com eles apresentou-se em numerosos festivais por todo o

mundo e gravou três álbuns. Em 2010 formou os Baba Yaga, uma banda que se dedica a tocar autêntica música cigana e eslava e que tem participado em muitos festivais em Israel. Lançou um curso de *fiddle* (violino) *klezmer*. Dá aulas no Conservatório Mizmor de música *folk* israelita, em Tel Aviv. Também compõe canções em iídiche e temas de música instrumental.

Avichai Tuchman

Nasceu em 1976 em Israel. É um músico multinstrumentista, compositor e produtor de discos. Fez parte da banda do exército durante três anos, tocando baixo elétrico. Em 2000 foi aceite na Escola Rimon de Jazz e Música Contemporânea, a maior escola independente de Israel nesses dois domínios musicais. Depois disso começou a tocar como músico independente em diversas bandas. A partir de 2005 passou a interessar-se pela *world music*. É membro fundador dos Oy Division e com a banda tem feito digressões por todo o mundo. Tem colaborado com vários artistas. Enquanto produtor, move-se na área do rock independente, trabalhando com os melhores artistas de Israel.

Próximo espetáculo

MDLSX

de Motus

Teatro Sáb 17, dom 18 de março

Palco do Grande Auditório · 21h30 (dom 17h)

Duração: 1h20 · M16



© Nada Zgank

Para o *New York Times*, a performer Sílvia Calderoni “deve ser feita de mercúrio, ou algum elemento líquido improvável que ainda não foi descoberto”. Vem pela primeira vez a Lisboa esta fundamental companhia italiana, com uma “performance-monstra” que é um dispositivo sonoro explosivo, um hino alucinogénio e solitário à liberdade de tornar-se.

Próximo espetáculo de música

Hang Em High

Tres Testosterones

Ciclo “Jazz +351”

Comissário: Pedro Costa

Jazz Sáb 17 de março

Pequeno Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M6



© Lukas Hammerle

O que este trio transnacional apresenta tem sido designado como power jazz mas este rótulo não indica tudo – um misto de free jazz melódico com punk, ambientalismo eletrónico, uma dose q.b. de Americana e algum rock progressivo.

Conselho Diretivo

Presidente

Paulo Moita de Macedo

Administradores

José Ramalho (Direção Executiva)

Mark Deputter (Direção Artística)

Assessores

Delfim Sardo (Artes Visuais)

Pedro Santos (Música)

Liliana Coutinho (Debate
e encontros)

Francisco Frazão (assessor Teatro
temporada 2017-2018)

Gil Mendo (assessor Dança
temporada 2017-2018)

Serviço Educativo

Raquel Ribeiro dos Santos
(coordenadora)

João Belo

Helena Salgueiro (estagiária)

Tatiana São (estagiária)

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Adriana Mestre (estagiária)

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Bruno Pereira

Publicações

Maria João Santos

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona
(coordenadora)

Patricia Blázquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Nina Ferreira
(coordenadora)

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

José Rui Silva

Direção de Cena

José Manuel Rodrigues

Técnicos Audiovisuais

Américo Firmino (coordenador)

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico de palco

Vasco Branco

Frente de Casa e Bilheteira

Rute Sousa (coordenadora)

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Miguel Caissotti (conservador)

Lúcia Marques

Maria Manuel Conceição

Jennifer do Coito (estagiária)

Carolina Machado (estagiária)

Edifício Sede da Caixa Geral de
Depósitos · Rua Arco do Cego nº50,
1000-300 Lisboa · 21 790 51 55
www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
